



UFOP

Universidade Federal
Ouro Preto

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**



Instituto de Ciências
Humanas e Sociais

LORENA KÉSSIA DE OLIVEIRA

**CONVIVÊNCIAS COM MULHERES NO PROGRAMA RESIDÊNCIA
PEDAGÓGICA EM EJA: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA.**

Mariana, 2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

Lorena Késsia de Oliveira - 19.1.3105

**CONVIVÊNCIAS COM MULHERES NO PROGRAMA RESIDÊNCIA
PEDAGÓGICA EM EJA: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA**

Mariana, 2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

O48c Oliveira, Lorena Kessia de.
Convivências com mulheres no Programa Residência Pedagógica em EJA [manuscrito]: relatos de uma experiência. / Lorena Kessia de Oliveira. - 2024.
24 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva.
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia .

1. Programa Residência Pedagógica. 2. Identidade de Gênero. 3. Educação de jovens e adultos. I. Silva, Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 374.7

Bibliotecário(a) Responsável: Luciana Matias Felício Soares - SIAPE: 1.648.092



FOLHA DE APROVAÇÃO

Lorena Késsia de Oliveira

Convivências com mulheres no Programa Residência Pedagógica em EJA: relatos de uma experiência

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia

Aprovada em 28 de fevereiro de 2024.

Membros da banca

Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva - Orientadora - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr - Erisvaldo Pereira do Santos (Universidade Federal de Ouro Preto)

Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 04/04/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 28/01/2025, às 16:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0847776** e o código CRC **7EA7BF20**.

CONVIVÊNCIAS COM MULHERES NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM EJA: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA

Lorena Késsia de Oliveira

Prof^ª. Dr^ª. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva

RESUMO: O presente relato de experiência visa analisar as contribuições do Programa Residência Pedagógica (RP/DEEDU/UFOP) para a formação acadêmica em Pedagogia, destacando a interação com as estudantes mulheres da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Durante as atividades na turma do Ensino Fundamental I, foi possível observar uma maior presença de mulheres do que de homens, tanto nas regências quanto na oficina realizada. Ao interagir com essas estudantes, foi possível identificar os obstáculos enfrentados por elas no processo de escolarização, tais como idade, permanência, discriminação de gênero, trabalho e responsabilidades familiares. Mesmo diante desses desafios, as mulheres demonstram uma forte determinação em continuar seus estudos. Assim, a participação no RP não só fortalece a formação acadêmica, mas também estabelece um vínculo fundamental entre a universidade e a comunidade escolar, proporcionando um enriquecedor intercâmbio de saberes e práticas educativas.

Palavras-CHAVES: Programa Residência Pedagógica; Gênero; Desafios; Experiências; Pedagogia.

ABSTRACT

The present experience report aims to analyze the contributions of the Pedagogical Residence Program (RP/DEEDU/UFOP) to academic training in Pedagogy, highlighting the interaction with female students of Youth and Adult Education (EJA). During the activities in the class of Elementary Education I, it was possible to observe a greater presence of women than of men, both in the regiments and in the workshop held. By interacting with these students, it was possible to identify the obstacles they encountered in the process of schooling, such as age, stay, gender discrimination, work and family responsibilities. Even in the face of these challenges, women demonstrate a strong determination to continue their studies. Thus, participation in the RP not only strengthens academic training, but also establishes a fundamental link between the university and the school community, providing an enriching exchange of knowledge and educational practices.

KEYWORDS: Program Pedagogical Residence; Gender; Challenges; Experiences; Pedagogy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E A DESIGUALDADE SOCIAL	8
3. RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA	9
3.1 Quem são as mulheres na Educação de Jovens e Adultos	11
3.2 Oficina no Programa Residência Pedagógica	13
3.3 Análise da experiência	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
5. REFERÊNCIAS	20

1. Introdução

*“Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias.”
(Paulo Freire, 1979)*

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência, através de uma abordagem narrativa que visa refletir as contribuições que o Programa de Residência Pedagógica (DEEDU/UFOP) viabilizou para formação universitária em pedagogia, destacando a relação de troca de conhecimento entre as mulheres que cursam a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para compreender melhor as trajetórias dessas mulheres, pautamos nos pressupostos de Joan Wallach Scott (1980) em que defende uma visão mais ampla de gênero, mercado de trabalho que é sexualmente segregado, a educação enquanto instituições socialmente masculinas e ainda o sistema político.

Segundo Scott, o conhecimento histórico é parte da política de sistema de gênero. As mulheres foram frequentemente impedidas de estudar ao longo da história devido a normas culturais, sociais e patriarcais que limitavam seus papéis à esfera doméstica. Muitas sociedades consideravam que a educação formal não era adequada para mulheres, restringindo seu acesso a oportunidades de aprendizado. Dessa forma, “o discurso histórico, quando nega visibilidade às mulheres, perpetua também sua subordinação e sua imagem de receptora passiva da ação dos demais sujeitos da História” (SCOTT, 1994:50).

Sob este viés, essa discriminação limitou o desenvolvimento e a independência das mulheres, perpetuando desigualdades de gênero. Ao longo do tempo, movimentos de igualdade de gênero e luta por direitos das mulheres contribuíram para que essas barreiras fossem gradualmente revisadas, permitindo que as mulheres tivessem acesso à educação e à busca de conhecimento, igualdade e respeito contínuo.

Desse modo, um dos motivos que escolhi desenvolver essa temática, foi a formação da minha mãe na Educação Jovens e Adultos (EJA). Pois, me lembro que ela

passava o dia inteiro trabalhando como empregada doméstica, chegava em casa à tarde e logo saía com um caderno e uma bolsa na mão. Tenho nas minhas recordações relatos de como era sua infância, que desde criança foi ensinada a lavar, passar e cozinhar para conseguir arrumar um bom marido e ser uma boa mãe. Foi criada numa família do interior de Minas Gerais com 13 irmãos, em que todas as irmãs tiveram o mesmo segmento, já os irmãos os provedores da alimentação.

Entretanto, consegui estudar até a 4ª série, que hoje em dia é o 5º ano e com seus 16 anos se casou e ficou responsável por cuidar do lar e dos seus 4 filhos. O motivo que levou a retomada dos estudos, foi a necessidade financeira em casa, na qual primeiro levou a procurar um emprego e percebeu a necessidade da formação do ensino médio para ter um salário estável, atualmente é enfermeira e tem orgulho da sua trajetória. Assim, cresci vendo minha mãe trabalhar e estudar a procura de uma vida melhor para sua família. Nesse contexto, comecei a compreender as trajetórias de vida que tem por trás de cada mulher que não conseguiu concluir o ensino no tempo dito como adequado e realmente fiquei fascinada e até insubmissa, pois histórias como a da minha mãe são comuns.

Em 2019 ingressei no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP. Ressalto, que a graduação em Pedagogia sempre foi minha primeira escolha e ao longo desses anos aprendi que a educação é um ato de amor e coragem, sustentada no diálogo, na discussão, no debate e que as crianças e os adultos que chegam no ambiente escolar, já possuem suas próprias bagagens emocionais e intelectuais, nenhum desses indivíduos são folhas em branco. Por isso, devemos respeitar a singularidade de todos.

Assim, durante a graduação de Pedagogia cursei a disciplina, Educação de Jovens e Adultos: Perfil e Processos de Exclusão (EDU165), ofertada na grade curricular da universidade. Esse contato e os conteúdos administrados pela professora do curso me fizeram retornar automaticamente na minha infância e nas recordações que tenho com minha mãe, surgindo um interesse em compreender os desafios encontrados por mulheres na escolarização do Ensino Fundamental I na Educação de Jovens e Adultos (EJA) por meio da convivência em sala de aula.

Desse modo, surgiu uma oportunidade de fazer parte do Programa Residência Pedagógica (DEEDU/UFOP), ofertado para os alunos do curso de Pedagogia. Logo, que fiquei sabendo de qual programa se tratava tive interesse em participar imediatamente, por ser algo que me desperta grande interesse. Portanto, atualmente sou residente da EJA na Escola Municipal Monsenhor José Cota (Mariana, MG), com a turma do Ensino Fundamental I.

À vista disso, ao longo do Programa Residência Pedagógica, consigo observar a necessidade dos conhecimentos criados pela universidade ultrapassarem as barreiras das instituições, e apresentam para essas mulheres que mesmo existindo desigualdade de gênero é possível sonhar e realizar seus sonhos.

Logo, foram produzidas atividades e uma oficina sobre as trajetórias dessas alunas até chegar a retomada dos estudos na EJA no Ensino Fundamental I, levando em consideração as especificidades e necessidades individuais de cada aluna. É importante ressaltar que, ao longo deste trabalho, será enfatizado as contribuições que o programa viabilizou para formação universitária em pedagogia destacando a relação de troca de conhecimento entre as mulheres que cursam a EJA.

Dessa forma, o relato foi desenvolvido com base na experiência vivenciada no Programa Residência Pedagógica, durante o ano de 2023. Um dos principais motivos pelo qual desenvolvi esse relato de experiência se dá pelo fato de reconhecer a importância do desenvolvimento acadêmico em programas que viabilizem o fortalecimento entre professor (a) e aluno (a), simultaneamente com a troca de experiências no cotidiano em sala de aula, com o objetivo de identificar nas falas das mulheres quais são os principais desafios enfrentados por elas, como também compreender como se dão as trajetórias dessas estudantes na EJA.

Esse relato de experiência, além da introdução, está organizado em outras quatro partes. Apresentam-se as seguintes abordagens: Modalidade de Ensino EJA x Desigualdade Histórica. Em seguida, um pouco sobre o Programa Residência Pedagógica, com subtópicos; Quem são as mulheres da EJA? Oficina no Programa Residência Pedagógica e a Análise de Experiência vivenciada, por fim as considerações finais.

2. Educação de Jovens e Adultos e Desigualdade Escolar

Primeiramente, ao ponderar sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), pode-se analisar que o principal objetivo é a correção do fluxo de idade e reparação dos direitos educativos, promovendo escolarização aos sujeitos que foram impedidos de concluir ou iniciar os estudos na idade considerada adequada.

O artigo 37 da lei nº 9.394, de 20 de janeiro de 1996, define que a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. Haddad (2020 p.111) afirma que essa lei “dedica a essa educação de jovens e adultos uma seção curta e pouco inovadora.” Todavia, essa nova configuração de educação passou a ser realizada de forma mais aceitável do que a posição marginal que ocupava anteriormente. Os interesses políticos que cercavam o assunto, pois o nível de analfabetismo colocava o Brasil como país atrasado culturalmente. Nota-se que de acordo com LDB - Lei no 9.394/96, a EJA é muito mais complexa do que se pensa, pois envolve sistemas de educação ao longo da vida que podem se articular com a educação escolar e extraescolar, formal e informal, tendo múltiplas dimensões.

A Educação de Jovens e Adultos é um direito para que os estudantes alcancem o ensino que talvez não tenham tido acesso anteriormente, proporcionando autodesenvolvimento, aprimoração de suas habilidades, conhecimentos e autoestima através da educação, em uma maneira flexível de fazer isso enquanto lidam com outras responsabilidades do cotidiano.

De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), atualizado em 31 de outubro de 2022, a EJA tem 3.273.668 estudantes matriculados. Na qual, 62,2% das matrículas da educação de jovens e adultos são estudantes com menos de 30 anos. Já em relação às mulheres com mais de 30 anos, correspondem 58,6% das matrículas. Nesse segmento, no ano de 2023, ao realizar uma análise em sala de aula com a turma do Ensino Fundamental I na EJA nota-se a presença significativa de mulheres que frequentam as aulas se comparadas com a presença dos homens. Refletindo, a desigualdade histórica no acesso à educação.

Ao longo do tempo, as mulheres enfrentaram barreiras como, como estereótipos de gênero, expectativas tradicionais e discriminação, o que muitas vezes resultou em

níveis mais baixos de escolarização em comparação aos homens. Para Scott (1995) os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. Ser do gênero feminino ou do gênero masculino leva a perceber o mundo diferentemente, a estar no mundo de modos diferentes e, em tudo isso, há diferenças quanto à distribuição de poder, o que vai significar que o gênero está implicado na concepção e na construção do poder.

Explorando com mais profundidade, segundo a historiadora norte-americana Joan Wallach Scott (1990), as relações entre os sexos são construídas socialmente, cita que gênero:

(...) tem duas partes e diversas subpartes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser distinguidas na análise. O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1994, 13).

Dessa maneira, a participação das mulheres na EJA são fragmentos dessa desigualdade de gênero, na qual representa um esforço para superar essas desigualdades, proporcionando oportunidades de aprendizado, a presença de mulheres em busca do que é seu por direito, como nas escolas, nas universidades, empresas é uma expressão concreta da busca por igualdade de gênero, reconhecendo o papel fundamental da educação na transformação social e no empoderamento das mulheres.

Contudo, o presente relato de experiência, disponibiliza um olhar para essas mulheres, que estão mais presentes nessa modalidade de ensino, destacando as adversidades, sobretudo, as que são potencializadas pela condição de ser mulher e estudante da Educação de Jovens e Adultos, bem como o esforço que cada uma precisou realizar para garantir a permanência na escola. Ressaltando a desigualdade de gênero, carga familiar que carregam, renda financeira e os desafios diários para continuarem na EJA .

3. Residência Pedagógica

O Programa Residência Pedagógica (PRP) ofertado pela Universidade Federal de Ouro Preto tem origem no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O PIBID foi criado em 2007 pelo Ministério da Educação (MEC) com o

objetivo de promover a iniciação à docência de estudantes de licenciatura, proporcionando uma aproximação entre a formação acadêmica e a prática educacional nas escolas de educação básica. Assim, o PRP é uma evolução desse programa, buscando aprimorar a formação de professores por meio da vivência mais intensa no ambiente escolar, com atividades práticas e reflexivas.

Dessa forma, a experiência prática dos alunos em sala de aula, permite que os futuros professores apliquem os conhecimentos teóricos adquiridos na universidade, enfrentando desafios no ambiente escolar, fortalecendo suas habilidades de ensino. Logo, explorando o Edital do Capes (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior):

[...] A residência pedagógica consiste na imersão planejada e sistemática do aluno de licenciatura em ambiente escolar visando à vivência e experimentação de situações concretas do cotidiano escolar e da sala de aula que depois servirão de objeto de reflexão sobre a articulação entre teoria e prática. Durante e após a imersão o residente deve ser estimulado a refletir e avaliar sobre sua prática e relação com a profissionalização do docente escolar, para registro em relatório e contribuir para a avaliação de socialização de sua experiência como residente. (Edital CAPES, 06/2018).

Nesse sentido, o PRP é uma estratégia para melhorar a qualidade da formação docente, proporcionando uma transição mais suave da teoria para a prática e preparando os educadores para o âmbito educacional. Como também, de acordo com a (CAPES, 2018), o programa certifica as seguintes propostas:

- Aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias;

- Aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias;
- Induzir a reformulação do estágio supervisionado nos cursos de licenciatura, tendo por base a experiência da residência pedagógica;
- Fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola, promovendo sinergia entre a entidade que forma e a que recebe o egresso da licenciatura e estimulando o protagonismo das redes de ensino na formação de professores;

- Promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (CAPES, 2018, p.1)

Nesse segmento, em outubro de 2022, tive a honra de fazer parte do PRP, através do curso de Pedagogia ofertado na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), sob coordenação da professora Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva. Realizei a residência na cidade de Mariana, Minas Gerais, na Escola Municipal Monsenhor José Cota, em que o programa acontece desde 2020 em uma parceria com a universidade. É uma experiência única, são 18 meses frequentando a sala de aula da Alfabetização de Jovens e Adultos, na qual podemos realizar a observação para poder intervir com as atividades da regência e no final com a oficina, colocando à prova as teorias e hipóteses alavancadas durante os estudos.

Durante esses 18 meses, criei um vínculo com os alunos da sala, e percebi que a EJA necessita de um olhar ponderado, pois são estudantes que trabalham o dia inteiro e a noite estão na escola, como também precisam elevar sua auto confiança e a auto estima diariamente, principalmente em relação às mulheres. Em que, constantemente utilizam frases desfavoráveis durante as atividades propostas, como: "Isso eu não consigo", "Sou burra professora, não aprendo!", "Não vou aprender a ler nunca", entre outras.

Essas frases foram ditas por mulheres em sala de aula para a professora regente, em que intervia e ajudava os alunos a se analisarem em outra concepção. Neste viés, observei que as estudantes sabiam realizar as atividades, mas no momento que a professora perguntava não acreditavam que estavam certas, pois não tinham autoconfiança nas respostas.

Diante disso, no decorrer do PRP, meu foco foi ressaltar a importância do fortalecimento das mulheres, através da utilização de poesias, textos e abordagens que valorizassem suas vivências. O objetivo era estimular a participação ativa, o aprimoramento de habilidades e a promoção da igualdade de gênero no contexto educacional. É crucial destacar que todas as atividades feitas com a turma foram realizadas em colaboração com a professora titular da sala, que teve um papel fundamental na minha jornada de formação como futura pedagoga

3.1 Quem são as mulheres na Educação de Jovens e Adultos ?

Em uma análise realizada no Programa Residência Pedagógica (DEEDU/UFOP) por meio da observação das aulas semanais e dos relatos das alunas no Ensino Fundamental I, partilho aqui as experiências de quatro estudantes colaboradoras da Educação de Jovens e Adultos, mulheres com idades entre os 40 e os 70 anos, com as quais tive o privilégio de ouvir os relatos das suas experiências de vida, tanto no âmbito escolar como pessoal, enquanto mães, avós e mulheres que, na EJA, estão a traçar um novo percurso.

A primeira estudante, tem por volta dos seus 65 anos de idade, casou na adolescência, hoje é viúva, com filhos adultos. Em relatos feitos em sala de aula, conta que durante o dia é responsável por cuidar do lar e dos seus netos e o principal motivo que retomou os estudos é para ser alfabetizada e conseguir ensinar as crianças o dever de casa, como também para ter uma autonomia melhor no seu dia a dia, como aprender a usar o celular sem ajuda.

Já a segunda estudante, tem por volta dos seus 58 anos de idade, casou na adolescência, criou seus filhos e se separou do marido, está na EJA para não depender dos familiares para ler, pesquisar na internet, etc. Essa aluna, em questão nas falas realizadas em sala de aula, apresenta um desapontamento por parte dos seus pais, que nunca permitiram o acesso à educação, “mulher não precisa disso”.

A terceira estudante, é casada com o primeiro marido da adolescência, tem por volta dos seus 45 anos, trabalha como faxineira para complementar a renda em casa. Também possui filhos e netos e sempre sonhou em aprender a ler e escrever, porém a família veio em primeiro plano.

A quarta estudante, tem por volta dos seus 42 anos, relatou em sala que se casou criança. Hoje em dia é viúva, e voltou a estudar para conseguir um emprego melhor para ajudar sua família. Ressalto que após uma visita realizada na UFOP, surgiu um interesse na aluna de entrar na universidade, algo que a mesma não achava que fosse possível até conhecer de pertinho toda a estrutura e o acolhimento proporcionado na visita com a professora titular.

As estudantes colaboradoras têm em comum a vontade de estudar e suas trajetórias de vidas semelhantes, casaram-se cedo e construíram grandes famílias, não

permitindo assim que estudassem no tempo dito como “adequado”. Nesse segmento, é necessário falar desse percurso das mulheres na educação, levantar as questões de gênero, pois fazem parte das discussões como salientam Vieira e Cruz (2017, p. 5):

A Educação de Jovens e Adultos engloba também a questão de gênero. Pesquisa realizada pelo IBGE, divulgada em 2009, constatou que 53% dos estudantes da EJA são mulheres. Cada mulher tem o seu perfil, sua individualidade, os obstáculos encontrados por cada uma nunca será o mesmo da outra. Apesar de tudo, vence o cansaço, os desafios, com a finalidade de aprender, de estudar. (2017, p. 5)

O dado a cima aponta a desigualdade escolar, pois mesmo com a presença do sexo feminino num percentual maior do que dos homens, historicamente a mulher sempre foi vista como a provedora dos filhos e responsável pelos afazeres da casa, educadas para constituir família (PALÁCIOS; REIS; GONÇALVES, 2017). O fato é que, até pouco tempo;

A relação com a educação não passava de formalidades para ter uma boa família. Quanto à educação escolar, essa, anteriormente, era privilégio de poucos e, ainda assim, direcionada para homens. Apesar das desigualdades enfrentadas ao longo da história, é por meio da educação que muitas mulheres almejam uma vida melhor, direito este conquistado há pouco tempo atrás (PALÁCIOS; REIS; GONÇALVES, 2017, p. 106).

Dessa forma, ao vivenciar com elas o cotidiano da sala de aula, vi na prática como o gênero estrutura a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. Assim, ao conhecer suas histórias de vida, produzir um outro olhar diante das práticas docentes, bem como a qualificação da minha atuação como futura professora no sentido de promover ações que envolvam práticas educativas que possibilitem de maneira relevante um ambiente educacional mais inclusivo e igualitário para essas estudantes.

Para Arroyo (2005, p. 42) "os jovens e adultos que voltam ao estudo, sempre carregam expectativas e incertezas à flor da pele". Nesse sentido, é formidável a importância de reconhecer e valorizar a experiência e contribuições que cada mulher traz consigo. Pois, ao valorizarmos as vivências das mulheres na EJA, cria-se um ambiente que incentiva a participação ativa, a autoconfiança e o empoderamento, contribuindo para o processo de aprendizagem e a permanência dessas alunas em sala de aula.

Todavia, o PRP vem realizando por meio de uma prática sensível, aberta ao diálogo constante professor/aluno, valorizando as experiências de cada mulher, encorajando a participação ativa na aprendizagem, voltada no resgate da auto estima juntamente com autoconfiança. Como também, aprimoração de um currículo inclusivo com temas de gênero, trazendo autoras mulheres para que possam se sentir representadas e acolhidas no âmbito escolar.

3.2 Oficina no Programa Residência Pedagógica

No dia 18 de outubro de 2023, realizei a oficina no Programa Residência Pedagógica para os alunos do Ensino Fundamental I, na Escola Municipal na cidade de Mariana, a turma era composta por quatro mulheres e dois homens. Com faixa etária entre os 40 e 60 anos.

O tema proposto para os alunos foi “Reconstruindo a Trajetória”, em que o objetivo era analisar as etapas da vida até o presente momento, marcando em uma linha do tempo marcos importantes na vivência de cada aluno, como também trabalhar o campo de experiência de espaço, tempo, quantidade, relação e transformação, proporcionando condições para que os estudantes possam buscar respostas a suas indagações e curiosidades, observando, manipulando objetos, investigando e explorando o seu entorno.

Para a realização da oficina, disponibilizei de duas aulas de 40 minutos cada, as disciplinas trabalhadas foram história, língua portuguesa e artes, o conteúdo proposto aos estudantes foi a contação de história, representação da linha temporal da vida e a roda de conversa com os colegas da classe.

No primeiro momento, apresentei para os estudantes o livro, “O equilibrista” da autora Fernanda Lopes de Almeida, nele a vida de um equilibrista está sempre por um fio. Tentando se manter sobre esse fio chamado ‘vida’, ele vai construindo sua trajetória (SINOPSE, ed. ática, 1980). A leitura do livro foi alternada entres os alunos, vale ressaltar que é um livro de leitura fácil, para 1º e 2º ano do ensino fundamental, pensando na autonomia literária dos alunos.

Após a leitura, cada aluno relatou sua percepção do livro, qual era o sentido da corda bamba e a vida, o equilibrista tentando se equilibrar nessa corda chamada vida, o equilibrista encontrando com outros equilibrista, e assim conseguiram compreender a

proposta do livro. Em um dos relatos, a aluna de 60 anos explica para a turma sobre sua compreensão do livro, “ o equilibrista é a gente, e a corda é a vida. Que nessa vida a gente passa por altos e baixos, mas no final a gente sempre dá um jeito de se equilibrar de novo. E os encontros com os outros equilibristas, são as pessoas que conhecemos durante a vida, marido, filhos e amigos.”

Fiquei bastante satisfeita após a apresentação do livro, pois observei que todos compreenderam bem a proposta da oficina, e diante dos relatos feitos em sala de aula percebi que cada um interpretou o livro mediante a sua vivência até o presente momento. Já no segundo momento foi realizada a linha do tempo dos alunos, disponibilizei para cada um pedaço de barbante, no qual representaria sua vida em três etapas: infância, juventude e a idade atual.

O barbante representa a trajetória de vida, cada aluno estava com seu para colorir. Sugerí que em momentos felizes colorissem de cores claras e em momentos tristes em cores escuras, como mostra na foto.

Figura 1 e 2 – Atividade proposta



Fonte: Acervo da autora (2023)

Assim, após terminarem pedir para todos marcarem três momentos importantes na sua linha do tempo e escrevessem ou desenhassem o que aquele momento representava na sua trajetória. Uma aluna em questão, coloriu mais da metade do barbante de preto, perguntei se sentia à vontade para falar sobre, pois as cores escuras eram de momentos ruins ou tristes. E em uma das suas falas, relatou que não teve infância e se casou com 14 anos, que as bonecas dela eram suas filhas. Sua linha do tempo foi ficar colorida agora que está na Eja. Essa aluna, tem 42 anos e três filhas moças já adultas, voltou a estudar para conseguir um emprego melhor, atualmente trabalha realizando faxina em casa de família e seu marido que era bem mais velho que ela faleceu há 8 anos.

Por meio de conversas e observações realizadas na oficina pode perceber que todas as quatro mulheres na sala relataram histórias de vida parecidas, que casaram cedo, cuidaram da família, não tiveram infância, e até falaram sobre a dificuldade financeira que passou sendo donas de casa. Já os dois estudantes homens relataram que na infância passaram trabalhando na roça para trazer o sustento para dentro de casa.

O mais interessante na oficina que entre os 3 marcos importantes na vida desses estudantes teve um que apareceu em todas as linhas do tempo, a retomada dos estudos. Como para os homens como para as mulheres, ou seja para arrumar um emprego melhor ou para aprender a ler, ou como também uma aluna de 60 anos que está sendo alfabetizada para ensinar o dever de casa para seus netos.

Dessa maneira, assim que terminaram de colorir o barbante e marcaram os três marcos importantes na trajetória de vida e penduraram em um painel a linha do tempo. Nesse momento, deixei aberto para quem se sentisse à vontade para contar a trajetória de vida até aquele momento, para minha surpresa todos da sala participaram. Em seguida, induzir o diálogo para o marco que todos colocaram em comum a retomada dos estudos na EJA, como o equilibrista que se encontrava com outros equilibristas e se apoiavam para a realização dos seus sonhos. Logo, todos os seis alunos relataram como foi fundamental a retomada dos estudos, umas das alunos disse que o prazer dela é ir na escola para encontrar com a professora e os colegas de sala. Em baixo a foto do painel pronto com os alunos.

Figura 3 – Realização da linha do tempo.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 4 - Confraternização final do ano letivo, todas as 4 alunas presentes, regentes do PRP, professora titular.



Fonte: Acervo da autora (2023)

Podemos perceber que a retomada dos estudos por parte das mulheres apresenta objetivos individuais e distintos. Gonçalves (2014. p.11) aponta que “os alunos têm objetivos diferentes para entrar, permanecer e concluir ou não a escola e o objetivo principal, não é necessariamente, a busca por certificações ou conclusão formal”. Como citado acima, são vários os motivos e objetivos do retorno à escola por parte das mulheres.

3.3 Análise da experiência

Ao nascer mulher, já se implica em enfrentar desafios sociais e culturais na sociedade. Historicamente, a limitação das mulheres ao acesso à educação era uma realidade no Brasil, restringindo suas oportunidades de formação, acompanhada de uma cultura patriarcal, tradicional, ou seja, eram delimitadas ao ambiente doméstico, com expectativas sociais relacionadas ao casamento, à maternidade e cuidado da família. Essas restrições ao longo da história têm impactos duradouros nos tempos atuais, e ainda existem camufladas entre a sociedade.

Scott define gênero como "o núcleo central". No qual se delinea uma conexão integral entre duas proposições, citando que:

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder." (1995, p.84).

Avançando nas proposições, a autora discute que "como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos", o gênero implicaria os símbolos culturalmente disponíveis numa sociedade que "evocam representações simbólicas"; os conceitos normativos, ou seja, as doutrinas religiosas, (educativas, jurídicas, políticas, científicas, etc.) que "expressam interpretações dos significados dos símbolos"; as instituições sociais, a organização social e econômica (o que inclui o mercado de trabalho, a educação, o sistema político, etc.); as identidades subjetivas, "as formas pelas quais as identidades generificadas são substantivamente construídas" pelos sujeitos (1995, p.86).

Nesse contexto, percebe-se como a cultura de gênero interfere atualmente na vida das mulheres, sendo no âmbito educacional, doméstico, profissional, afetivo, as mulheres carregam uma carga unilateral. Mesmo após alguns direitos conquistados, as mulheres continuam em desvantagens em relação à sociedade. Para conseguirem trabalhar ou estudar precisam pensar na sobrecarga mental em casa, pensar com quem os filhos irão ficar e se ficar doente, quem vai cuidar? Pensar na roupa limpa, casa, refeição pronta e ainda ser esposa do marido no final do dia.

Logo ao ser do gênero feminino ou do gênero masculino leva a perceber o mundo diferentemente, a estar no mundo de modos diferentes e, em tudo isso, há diferenças quanto à distribuição de poder, o que vai significar que o gênero está implicado na concepção e na construção do poder.

Contudo, para conseguirmos vencer essa luta precisamos questionar sobre, entender o significado da particularidade do que é ser "mulher" em um mundo tão patriarcal.

Scott levanta algumas possíveis mudanças para que sucedem situações que podem "revisar os termos" e a "organização" do gênero, mas que podem igualmente, segundo ela, também ser necessário para reafirmar sob as mesmas disposições e concepções dos gêneros. Diz, então:

Nós só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que "homem " e "mulher " são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes. Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quando parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas ou suprimidas. (1995,p.93).

Nessa linha de raciocínio, podemos concordar com Joan Scott que gênero é uma categoria útil para a História da Educação. Podendo assim, nos proporcionar novos olhares e debates, rever antigas questões, tornando visíveis os sujeitos e os processos que estão sendo ignorados pela sociedade.

No Programa Residência Pedagógica, fica claro como a instituição escolar tem a presidência de lançar mão dessa cultura e incentivar essas mulheres a conquistarem a formação e o estudo contínuo, levando para dentro das salas planos de aulas com representatividade e empoderamento feminino.

Realizar a residência permitiu acessar o cotidiano das alunas fora do âmbito escolar, e conhecer quem são essas mulheres que frequentam a EJA, observando a pluralidade que temos presente na nossa sociedade, buscando adaptação nas atividades escolares para o melhor desempenho escolar.

Dessa forma, não podemos deixar de fazer uma análise das mulheres que fazem parte da EJA, pois está intrinsecamente ligada à cultura de gênero, refletindo normas, expectativas e desafios específicos. Alguns pontos de ligação incluem:

Desigualdades Educacionais Passadas: Mulheres, historicamente, enfrentam restrições ao acesso à educação. Na EJA, a cultura de gênero pode influenciar a participação, considerando as experiências educacionais passadas.

Reprodução de Papéis de Gênero: A EJA pode ser uma oportunidade para desafiar estereótipos e promover igualdade, mas a cultura de gênero pode influenciar a perpetuação de papéis tradicionais, impactando as escolhas educacionais e objetivos profissionais das mulheres.

Desse modo, é fundamental ressaltar a importância da formação de professores para a EJA, uma vez que essa modalidade de ensino requer profissionais qualificados e sensíveis às particularidades dos alunos. Ademais, o PRP possibilita desenvolver habilidades e competências necessárias para formação pedagógica, em que transforma

ambientes educacionais mais inclusivos, sensíveis às necessidades das mulheres, promovendo a igualdade de oportunidades educacionais.

4.0 Considerações finais

O Programa Residência Pedagógica (PRP) na educação de jovens e adultos (EJA) com o presente relato de experiência é de grande relevância na minha vida profissional e efetiva. Pois, como já relatado, cresci com uma mulher que fez parte dessa modalidade de ensino, e sobretudo enfrentou os limites impostos pela sociedade em ser mulher, mãe solo com 4 filhos, que buscou retomar os estudos e almejou sonhar mesmo sem ninguém acreditar que conseguiria.

Dessa forma, o PRP possibilitou compreender os desafios impostos pela sociedade e a resiliência das alunas ao retomar os estudos. São mulheres que perderam sua juventude para cuidar do lar, mulheres que não tiveram acesso à educação, mulheres que passaram necessidade econômica, mulheres que não tiveram escolhas, mulheres que foram acreditadas por pais, maridos, mulheres... mulheres que quebraram barreiras sociais em busca de conhecimento e uma vida mais digna. Observa-se o peso que tem a palavra “mulher” e as responsabilidades que traz consigo, a partir do momento que se nasce no sexo feminino.

Contudo, percebe-se que discutir sobre a cultura de gênero na Educação de Jovens e Adultos, é um tema relevante na formação dos professores. A maneira como as questões de gêneros são abordadas no ambiente educacional pode influenciar diretamente na formação das estudantes.

Nesse sentido, é essencial promover planos de aulas para estimular a reflexão e o diálogo sobre temas relacionados à igualdade e aos direitos humanos, para construção de uma sociedade mais justa. Como também, se faz necessário analisar os estereótipos de gênero presentes na educação e encorajar a participação das mulheres no âmbito escolar para sua permanência na educação.

Logo, o PRP é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento de estratégias de ensino mais adequadas às necessidades dos estudantes, promovendo a inclusão, a valorização da experiência de vida dos alunos e a construção de um ambiente educacional mais significativo e acolhedor.

Portanto, considero que o Programa de Residência Pedagógica (DEEDU/UFOP) é uma experiência única e singular, o qual possibilitou uma imersão cultural em uma realidade presente na sociedade. Nota-se que o desejo de escolarizar-se é expresso nessas mulheres que retomaram os estudos após anos, sejam para aprimoramento do currículo ou para sua autonomia no lar e na comunidade. Frente ao exposto, o PRP além de qualificar os futuros professores para atuação na área, cria-se um elo com a comunidade escolar e a universidade, juntos ampliando o conhecimento teórico e científico ultrapassando as paredes da universidade e chegando até aquelas pessoas que não possuem o acesso a esses espaços.

Referências

ARROYO, M. G. As relações sociais na escola e a formação do trabalhador. In: FERRETTI, C. J.; OLIVEIRA, M. R. N. S. SILVA, J. R. JR.. **Trabalho, Formação e Currículo: Para onde vai a escola?** (Org.). São Paulo: Xamã, 1999, p.13-41.

ARROYO, Miguel González. Educação de Jovens – adultos: um campo de direitos e responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio Soares (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 2ª edição.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.

EDITAL CAPES nº 06/2018. **Programa Residência Pedagógica**.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa-3**. Porto Alegre: Artmed editora, 2008.

FREITAS MUSSI, Ricardo Franklin; FLORES, Fabio Fernandes; DE ALMEIDA, Claudio Bispo. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista práxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 1-18, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 20ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. et al. **O jogo das diferenças - O multiculturalismo e seus contextos**. Autêntica, 06 de março de 2006.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**. v. n 14, 2000. p. 108-130.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural-pós modernidade**. 11ª edição: Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOURO, G. L. **Mulheres na sala de aula**. In: DEL PRIORE, M. (org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2004.

PALÁCIOS, K. C. M; REIS, M. G. F. de A; GONÇALVES, J. P. A mulher e a educação escolar: um recorte da EJA na atualidade. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 16, n. 3, p. 104-121, set./dez. 2017

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995)

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. **Revista estudos feministas**, v. 13, n. 01, p. 11-30, 2005.

SCOTT, Joan Wallach; URSO, Graziela Schneider. Gênero. albuquerque: **Revista de história**, v. 13, n. 26, p. 177-186, 2021.

VIEIRA, M. C.; CRUZ, K. N. A produção sobre a educação da mulher na educação de jovens e adultos. **Revista do Centro de Educação**, Santa Maria, v. 42, n. 1, jan./abr.2017.

VIEIRA, R. S. **Educação intercultural**: uma proposta de ação no mundo mul